



**Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Segurança, Defesa e Forças Armadas / Security, Defense and Armed Forces**

**A assistência religiosa nas Forças Armadas e de Segurança portuguesas- uma análise
ao papel do capelão militar
Religious assistance in the Portuguese Armed and Security Forces – an analysis of the
role of the militar chaplain**

CETRA, Raquel; mestranda na Universidade de Évora; Mestrado de Políticas Públicas e Projetos; master's student in University of Évora; Master's Degree in Public Policies and Projects; raquelfilipa.cetra@gmail.com

Resumo

A assistência religiosa nas Forças Armadas e de Segurança é possível através do capelão militar, mas a sua importância e repercussões na vida dos militares têm sido pouco estudadas.

Este artigo procura refletir acerca da importância do capelão militar e a fomentar mais estudos e conhecimento acerca do mesmo, bem como servir de alerta para o aprofundamento dos estudos no sistema de crenças e orações, sobretudo na atenção aos espólios de *ex-votos* militares distribuídos pelo país.

A metodologia para executar este artigo partiu de técnicas de recolha de dados com recurso à pesquisa bibliográfica e documental e trabalho de campo junto de locais museológicos, nomeadamente, o Santuário de Nossa Senhora D'Aires.

Apesar da escassez de estudos específicos no tema foi possível com destaque a diversas situações compreender a importância desta função que não se esgotou e a necessidade de se aprofundarem os estudos no sistema de crenças e orações.

Abstract

Religious assistance in the Armed and Security Forces is possible through the military chaplain, but its importance and repercussions in the lives of the military have been little studied.

This article seeks to reflect on the importance of the military chaplain and to foster further studies and knowledge about him, as well as to serve as a warning for the deepening of studies on the system of beliefs and prayers, especially in the attention to the military *ex-voto* collections distributed around the country.

The methodology to carry out this article was based on data collection techniques using bibliographical and documental research and fieldwork at museum sites, namely the Sanctuary of Nossa Senhora D'Aires.

Despite the scarcity of specific studies on the subject, it was possible to understand the importance of this function, which was not exhausted, and the need for further studies on the system of beliefs and prayers.

Palavras-chave: Assistência religiosa; Capelão; Forças Armadas; Sistema de crenças e oração
Religious assistance; Chaplain; Armed Forces; Belief's and prayer's system

Introdução

A religião sempre foi um tema que suscitou bastante interesse no decorrer da história da humanidade e que Durkheim viria a dizer que se constituía como uma fonte de coesão e integração social. E se na época moderna assistiríamos ao início de uma secularização do indivíduo face à Igreja, a época contemporânea tornar-se-ia no período em que as sociedades se secularizaram e se tornariam, no decorrer dos últimos anos, laicas, ainda que a ritmos diferentes pelo Mundo. Estas sociedades marcadamente na Europa e nos Estados Unidos da América são sociedades fortemente influenciadas pelas suas elites liberais, conforme nos diz Bellotti (2011).

A evolução que as sociedades viriam a sofrer nos campos políticos, sociais e económicos acabariam por ter várias repercussões, entre as quais na religião e nas suas funções, que deixariam de ser tão determinantes para o exercício do poder político. Estas sociedades apresentam-se como sociedades onde a influência de todas as religiões é muito inferior em comparação com outros períodos da história da humanidade, como por exemplo na Idade Média. No decorrer do tempo, os passos que foram sendo dados até à completa secularização da religião acabariam por modificar as dinâmicas da sociedade: “contribuindo para uma tendência de afastamento cada vez maior entre muitos indivíduos e as instituições religiosas” (Bellotti, 2011. p.25). Assim, é possível compreender-se que embora o cristianismo permaneça enquanto a religião com o maior número de crentes, em Portugal traduz-se numa percentagem de 88% (Observações das Migrações, 2021), temos assistido a uma diminuição de crentes e ao afastamento.

O objetivo deste artigo é fazer uma análise qualitativa à importância do capelão militar na assistência religiosa às Forças Armadas e de Segurança, pretendendo, igualmente, fomentar o interesse pela área temática, diminuindo a lacuna de conhecimento deste papel no contexto militar, bem como alertar para o espólio histórico e marcante dos *ex-votos*¹ militares disseminado por todo o país como um importante campo de análise para um melhor entendimento do sistema de crenças e orações. Para alcançar o objetivo foram selecionadas técnicas de recolha de dados, com recurso à pesquisa bibliográfica e documental, bem como foi levado a cabo trabalho de campo com a visita à Sala dos Milagres do Santuário de Nossa Senhora D’Aires situado em Viana do Alentejo, com a recolha de várias fotografias do mesmo.

Esta é uma temática que suscita interesse por permitir estudar as relações entre a espiritualidade e a vida militar, bem como alargar o campo de estudo acerca das várias

profissões no contexto militar e averiguar a relação dos militares em contexto de guerra com a religião e a interpretação da sua ida para a guerra e sobretudo o seu regresso com vida da mesma.

O artigo apresenta como estrutura um primeiro capítulo destinado à metodologia, de forma a dar a conhecer como foi realizado este trabalho. Um segundo capítulo intitulado " A função da religião" onde são apresentadas as principais conclusões da revisão de literatura acerca das funções da religião na sociedade contemporânea. O terceiro capítulo com o título de "A perspetiva histórica do capelão militar - o caso do capelão militar português" que se destina a apresentar uma análise à evolução histórica do surgimento do capelão militar, escolhendo particularizar o surgimento do capelão militar português e funções da vida castrense. Um penúltimo capítulo com o título de "Importância do sistema de crenças e oração" que se destina a enquadrar e analisar a importância do papel do capelão militar na vivência militar, assim como a ligação entre as crenças do militar e o seu moral em contexto de guerra e no findar da mesma o pagamento de promessas através da oferenda de fotografias ou outros objetos diretamente relacionados com a sua participação na Guerra Colonial portuguesa e um último capítulo dando espaço para as principais conclusões e sustentabilidade do estudo da temática.

Metodologia

A metodologia selecionada para ir de encontro ao objetivo do artigo iniciou-se com a seleção de técnicas e recolhas de dados onde se recorreu a uma pesquisa bibliográfica e documental. Para um enquadramento teórico rico e um conteúdo informativo com maior extensão foram consultados vários livros e artigos científicos que tratavam a temática em análise de uma forma mais geral, onde foram também consultadas diversas publicações e artigos a cargo das associações que se dedicam ao auxílio aos antigos combatentes, nomeadamente a Liga dos Combatentes e a Associação dos Deficientes das Forças Armadas. O acesso aos arquivos documentais/bibliotecas e as pesquisas dos sites oficiais destas organizações bem como a consulta do site oficial do Ordinariato Castrense e à pesquisa acerca do acervo legislativo referente à assistência religiosa nas Forças Armadas e de Segurança portuguesas demonstraram ser de grande importância. Para depois complementados com a consulta de várias publicações com um carácter mais biográfico como o livro escrito com o testemunho do capelão António Simões,

acerca do primeiro curso de capelães militares e as subsequentes funções nas diversas comissões durante a Guerra Colonial.

Mostraram ser de grande importância para a execução deste artigo os recursos de informação eletrónicos, sobretudo, a biblioteca de conhecimento online para complementar a informação e desenvolver com maior eficácia o estudo qualitativo. No entanto, a literatura existente dedicada especificamente à temática demonstrou ser escassa, demonstrando a parca literatura referente à importância do papel do capelão ou da importância do sistema de crenças e oração de forma a diminuir a natureza extensiva e intensiva da pesquisa empreendida.

Para além desta técnica foi empreendido um trabalho de campo que culminou na visita e recolha fotográfica de algumas imagens da Sala dos Milagres do Santuário de Nossa Senhora D'Aires, que acolhe um dos maiores espólios de *ex-votos* militares no Alentejo.

As funções da religião

Após a secularização que marcou a época moderna, o domínio da religião cristã começou a extinguir-se. O iluminismo que apelava à razão e que fomentou o desenvolvimento das ciências e de outros campos de análise, permitiu que a religião passasse a ser estudada pelas disciplinas que surgiam como refere Coutinho (2012).

O nascimento da sociologia permitiria que se começasse a defender que existiam vários fatores de distintas ordens que condicionaria a ação: “Durkheim defendia a existência de factos sociais (valores, normas, crenças, regras), condicionantes da ação, externos ao indivíduo e, assim, analisáveis empiricamente” (Coutinho, 2012, p.173). Por entre estes vários fatores, inclui-se a religião e qualquer que seja a corrente utilizada, se acaso são os fatores que determinam o indivíduo ou o indivíduo que determina o mundo em que vive, a religião mostra sempre possuir um papel importante.

Num outro polo oposto, uma outra teoria justificada por Marx mostra a religião não como um fator de integração, mas sim de submissão dos indivíduos à sua situação social de exploração: “Assim, Marx parte da conceção que, enquanto instrumento da classe dominante, ela serve para impedir que os homens tenham consciência de sua situação de explorados” (Oliveira & Coelho, 2014. p.4).

Vários autores escreveram acerca das funções da religião que poderão traduzir-se em normativas, que defendem que a religião encoraja as normas; a função coesiva,

cujos autores, defendem que as práticas inerentes à religião e as crenças religiosas permitem que a sociedade seja mais coesa, integradora e forte; a função de tranquilização, ou seja, que auxilia o indivíduo a ter calma e a lidar com situações adversas; a função estimulante, que se traduz na capacidade de crença para ultrapassar mais adversidades; a função significativa, que ajuda a responder ao que por norma não se consegue responder e a função experiencial que permite que a humanidade sinta uma identidade através dela como sintetiza Coutinho (2012).

Em contexto militar, importa referir que tendo em conta o potencial de combate sugerido por Jesus (2014) tem em atenção três componentes: a componente conceptual, a física e a moral. Nesta última, que trabalha a motivação dos militares em combate se encontram enquanto “apoio do pessoal” as atividades religiosas: “A função Moral e serviços de pessoal contém atividades como a avaliação do moral das tropas e as medidas a tomar, as atividades recreativas e de bem-estar, o serviço postal militar, as licenças, instalações de repouso e recreios, os programas de poupança dos militares e o apoio às atividades de assistência religiosa” (Jesus, 2014, p. 16).

Podemos encontrar visível a função da religião enquanto parte integrante da componente moral do potencial de combate, de extrema importância no contexto bélico.

A perspetiva histórica do capelão militar - o caso do capelão militar português

Recordando a perspetiva de Raymond Aron (2002) que simbolizou, as relações entre os Estados que se reorganizavam, estabelecendo entre si relações que passariam pelas figuras de um diplomata e de um soldado, era então necessário que existisse um poder regulatório. Na Idade Média esse poder viria a cair nas mãos da Igreja e para que existisse uma certa paz, entre os distintos Estados cristãos, o Papa sentiu a necessidade de apostar na unificação dos interesses dos mesmos, combatendo um inimigo externo, mais poderoso que ameaçava a sua estabilidade, direcionando, assim, as suas energias para o combate aos infiéis. Seria através do Concílio de Clermont que surgiriam as Cruzadas, a primeira manifestação dos exércitos monásticos-militares.

As ordens religiosas que viriam a preconizar os ideais da “Guerra Justa”² de Santo Agostinho advieram da necessidade de proteção dos peregrinos cristãos, sobretudo na Terra Santa e pelo combate das ameaças à fé cristã, neste caso ao Islamismo. Estas Ordens constituídas por “homens de armas altamente profissionalizados e de grande

capacidade combativa que são simultaneamente monges, com a prerrogativa única de aniquilar o inimigo de Cristo – o Islão” (Ferreira, 2009, p. 6).

Para além disso, regiam-se por um conjunto de valores associados não apenas a um conjunto de características importantes em questões militares e no confronto bélico, mas aproximando-se também de características preconizadas pelo catolicismo e pelos seus fiéis, podendo-se destacar a pobreza, o jejum, a caridade, a obediência, a fé e castidade. Seria assim que se fomentaria uma espécie de espiritualidade militar, encontrando no combate um caminho de santificação, o que se traduziria numa maior motivação para os confrontos bélicos e inclusivamente para si mesmos, demonstrando o poder da fé e das crenças para os confrontos, elevando-lhes a sua moral.

Recuando um pouco apesar de ter sido com Alexandre, o Grande que se fomentariam os rituais e práticas religiosas nas campanhas militares: “Alexander took an active role in the religious life of his troops, performing sacrifices, leading prayers and officiating funerals” (Naiden, 2019, p. 41). Seria apenas no exército de Carlos Magno que viriam a surgir as primeiras referências à presença de sacerdotes e bispos no mesmo e, já nessa altura mostrava-se ser uma figura com um papel de grande importância.

A hoste real portuguesa que entrava em batalha era composta pelas Ordens Militares, o que nos leva a afirmar que as mesmas constituíram corpos de extrema importância para os territórios onde se acabariam por instalar tanto na esfera defensiva como no próprio desenvolvimento e nas práticas militares.

Desde muito cedo que através das manifestações religiosas associadas a batalhas que marcaram a história de Portugal demonstraram fortes laços entre a espiritualidade e a vida militar, possuindo uma especial relevância a força da religião na moralidade dos soldados que os leva a vencer as batalhas, onde se encontram. No relato da Batalha do Salado que nos chegou através dos Livros de Linhagens do Conde D. Pedro constata-se a importância da Vera Cruz, que acompanhou o contingente português na mesma e que, segundo os crentes, permitiu a vitória pelos cristãos na batalha, face aos mouros: “Mais todo esto nom lhes valia rem, ca os cristãos creciam-lhes mais e mais as forças, entendiam que andavam cobertos da graça da Vera Cruz, em que trariam os olhos (...)” (Guerra & Vieira, 2011, p. 113)

Mesmo aquando das invasões francesas, a própria Igreja foi parte fulcral na resistência portuguesa “incitando as populações a combatê-las e pressionando os chefes militares a organizar a insurreição” (Ferreira, 2009, p. 6). Esta predominância da Igreja

em Portugal viria a esfriar-se com a extinção das ordens, o que não só vai diminuir a sua importância no reino português como, igualmente, nas próprias Forças Armadas.

Esse afastamento viria a ser ainda mais evidente com a implantação da República a 5 de outubro de 1910 em que se assistiria à laicização do Estado português, estabelecendo-se assim uma separação legal entre a Igreja e o Estado, com repercussões inclusivamente nas Forças Armadas.

Com a Lei de Separação do Estado e da Igreja de 20 de abril de 1911, a religião católica apostólica romana deixou de ser a religião oficial do Estado. Porém, o eclodir daquela que viria a ser a 1ª Guerra Mundial levaria a que o serviço de assistência religiosa tivesse um pouco mais de poderes. Uma peça fundamental neste processo foi o general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, o comandante do CEP que permitiu a criação de condições para que existisse um grupo de capelães que pudesse atuar de forma voluntária e não remunerada. Este grupo de capelães poderia auxiliar os combatentes em muitas outras dimensões, deixando de ser uma atuação apenas em termos religiosos, que conseguiu elevar-se até aos quarenta, partindo com o posto de alferes, teria repercussões significativas, mesmo com simples ações como a realização de cerimónias fúnebres com a bandeira portuguesa a cobrir os soldados:“(…) até esse dia os cadáveres dos soldados portugueses, foram cobertos com a bandeira da nossa aliada; depois desse dia os cadáveres dos soldados portugueses foram cobertos com a bandeira portuguesa, por pedido e para não dizerem imposição dos poucos capelães militares“ (Silva, 2015, p. 297).

As relações entre a Igreja e o Estado só se viriam a estreitar durante o regime autoritário em Portugal com a celebração em 1940 da Concordata com a Santa Sé onde no seu artigo 14º viria o estabelecimento do serviço militar por parte dos clérigos: “O serviço militar será prestado pelos sacerdotes e clérigos sob a forma de assistência religiosa às forças armadas e, em tempo de guerra, também nas formações sanitárias. Todavia o Governo providenciará para mesmo em caso de guerra o dito serviço militar se realize com o menor prejuízo possível para a cura de almas das populações na Metrópole e no Ultramar Português” (Verbo Jurídico, 2021).

Podemos aferir que através de várias manifestações, a Igreja procurou sempre auxiliar os militares e, aos poucos, dada também a própria mobilidade dos exércitos foi-se criando uma estrutura para a prestação desse serviço que os pudesse acompanhar.

Tal como anteriormente referido pela perspetiva histórica, este sistema de assistência só retornaria a ter uma maior influência com o advento do novo sistema político surgido

com a revolução de 25 de maio de 1926, onde existiria, novamente, a presença da assistência religiosa nos quartéis complementando-se com a Lei de Recrutamento Militar de 1937, que obrigava todos os clérigos que professassem a fé católica a cumprirem serviço militar na forma de assistência aos militares e a assistência na saúde. Seria com a ditadura que o corpo de capelães militares retornaria a ter um papel de assistência aos militares nos quartéis, cujo papel possuía na monarquia, perdido na República.

Com a eclosão da guerra colonial viria a surgir o primeiro diploma legal que visava a estruturação do serviço de assistência religioso nas Forças Armadas: “Prestar assistência religiosa ao pessoal, dentro do espírito de liberdade garantido pela Constituição Política do País e pela doutrina da Igreja, e bem assim às suas famílias e demais pessoas quando sujeitas à jurisdição canónica do Ordinário Castrense” (Presidência do Conselho, 1966, p. 1464). A complementar o documento legislativo do governo viria a surgir o decreto *De Spiritualibus Militibus* em 1966 de âmbito canónico que viria a nomear o Cardeal-Patriarca de Lisboa como Ordinário Castrense de Portugal.

Um ano depois realizar-se-ia o primeiro curso de capelães militares e das Forças de Segurança em Portugal com cinquenta e oito sacerdotes com uma formação de carácter multifacetado dada a sua própria formação transversal, tanto nas áreas militares, sociais, físicas, religiosas como psicológicas, como conta Simões (2017). Mais tarde, fruto das modificações e estruturações da própria sociedade e certas modificações no esforço de guerra, os capelães militares passaram a auferir de mais direitos e benefícios como por exemplo o acesso à Caixa Geral de Aposentações.

Com a revolução de 25 de abril de 1974, o serviço de assistência permaneceu com algumas alterações. Em 1975 recebeu a designação de Serviço de Assistência Religiosa das Forças Armadas e surgiu a oportunidade de se alargar a religiosos de outras confissões. Nos anos 80 regular-se-iam o tempo máximo de serviço, a patente militar hierárquica, neste caso coronel graduado ou oficial general graduado, que poderia ascender a chefe do serviço e o estabelecimento das bases gerais da condição militar.

Nos dias de hoje, o Ordinariato Castrense é quem fornece o serviço de assistência religiosa e rege-se através do documento legislativo, o Decreto-Lei n.º 251 de 23 de setembro de 2009 e o documento canónico aprovado pela Sagrada Congregação de Bispos a 3 de setembro de 1988. Deste modo, este é um serviço que ainda hoje existe e no qual se encontra todo o universo de fiéis militares e todos os civis que ocupem funções ao serviço das Forças Armadas com a particularidade de ser também um

serviço que é alargado às famílias dos mesmos, o que é de especial relevância. Para além deste universo acompanha e solidariza-se com todos os que frequentem os hospitais militares, as escolas militares, os idosos em lares militares e a todos os que possuem funções dentro do Ordinariato Castrense, nos quais não se integram apenas os militares das Forças Armadas, mas igualmente, os militares da Guarda Nacional Republicana e os agentes da Polícia de Segurança Pública.

Sendo o serviço de assistência religiosa assegurado pelos capelães, o capelão-chefe de cada confissão, que neste caso, é apenas o catolicismo, mas com a ressalva que poderão existir outras confissões, e este é quem coordena a assistência e sem esquecer a necessidade de assegurar um local e meios para as atividades de culto: “Para efeitos de assistência devem ser disponibilizados nas unidades, nos estabelecimentos ou nos órgãos das entidades requeridas locais e meios adequados à prática das atividades religiosas, espirituais ou de culto” (Ministério da Defesa Nacional, 2009, p. 6786).

Ao longo da história a missão do capelão militar em consequência de diferentes transformações de diferentes ordens teve um papel mais ou menos alargado, mas apresenta-se como inesgotável.

A principal missão do capelão militar quer na 1ª Guerra Mundial, ou na Guerra Colonial quer, ainda hoje em termos de missões de paz e humanitárias patentes no Conceito Estratégico de Defesa Nacional e fruto das relações que Portugal constituiu com a ONU ou com a NATO, demonstra ser de incrível importância: “O capelão é uma figura extremamente importante, confirma a psiquiatra Luísa Gonçalves. Quando havia um morto, quando explodia uma mina e as pessoas ficavam feridas, há uma espécie de grutinha protetora que é o capelão, que protege e dá ânimo em situações de aflição” (Marujo, 2020, p. 196).

A missão do capelão militar possui funções intemporais: a orientação, o auxílio, a elevação moral e a manutenção da fé. Essas funções demonstraram e demonstram ter bastante importância para os militares portugueses possam sentir um amparo nas dificuldades e sacrifícios a que estão sujeitos. Porém, é uma missão que se alarga às famílias dos mesmos, o primeiro núcleo de integração e reintegração findo o seu compromisso militar.

É de especial relevância identificar as diferentes valências que um capelão militar pode conter em si, revelando essa formação multifacetada e multidisciplinar que irá conseguir não só auxiliar o militar em termos religiosos, mas igualmente em termos de objetivos de vida, ressaltando que não substituí o auxílio psicológico, por parte do

psicólogo militar sem a devida formação. Existe um reconhecimento por parte das próprias chefias militares das U/E/O em termos do papel do capelão nas mesmas e da própria assistência religiosa, permitindo a sua presença nos contingentes militares que partem em missão, destacando o seu papel informativo e valorativo, não apenas para os crentes, mas igualmente para os que não o são (Ferreira, 2009).

O impacto da importância desta profissão e própria escolha de vida mantém-se bastante atual e necessário, contribuindo de uma forma positiva na prossecução dos objetivos das Forças Armadas e de Segurança na defesa e zelo pela Pátria. Forças, essas que atuam não só a um nível interno, mas igualmente externo através de missões da NATO, União Europeia, ONU ou nas relações bilaterais ou multilaterais. Todas essas missões traduzem-se numa série de repercussões na vida familiar e na vida do militar que irá ser deslocado para as mesmas com especificidades inerentes à função militar. Uma missão que se inicia muito antes do deslocamento dos militares, em que o capelão tal como outrora permanece como uma peça fulcral de amparo aos mesmos: “o capelão tem a oportunidade de começar a estabelecer laços com os militares, que se hão de revelar importantes durante o decorrer da missão. De facto, se o capelão está presente em todos os momentos difíceis desde o início, a sua presença começa a ser encarada como um (saudável) hábito para os militares” (Ferreira, 2009, pp. 15-16).

A importância do Sistema de crenças e orações

No Mosteiro da Batalha encontra-se junto aos túmulos dos dois soldados portugueses desconhecidos a imagem de Cristo das Trincheiras, que se encontrava no campo de batalha no “desastre de La Lys”. Esta imagem podia ser vista como um elemento de conforto, como se depreende do testemunho de Cortesão (1919, pp. 88-89): “(...) aquele Cristo do Calvário intacto, erguido no madeiro altíssimo, dominando toda aquela cena, ganha uma nova humanidade (...) Sofro e gemo a angústia do grande crucificado e soletro, para além do tempo, as palavras clamorosas do seu evangelho, galgando e redimindo a terra até aos confins, na boca de milhões dos mártires-apóstolos.”

Como se pode verificar pelo exemplo acabado de citar a transmutação do sentimento de sofrimento dos militares do CEP conheceu um amparo na figura de Cristo sendo assim possível verificar-se a importância que as crenças transmitem ao militar, tornando-o mais resiliente, pois encontram na sua fé um reduto de coragem e de superação individual, que não os engloba apenas a eles, mas igualmente as suas

famílias, dado que as mesmas também conseguem encontrar no próprio sistema de crenças e de oração um reduto de superação pessoal da situação que vivenciam com o deslocamento de uma pessoa fulcral no núcleo familiar e a forma de lidar com a reconfiguração desse mesmo núcleo.

No tempo da Guerra Colonial através do testemunho de Simões (2017, pp. 26-27) podemos depreender o carácter multidisciplinar do capelão que não celebrava apenas missas, como dava palestras acerca dos valores morais e espirituais ou visitava os feridos em combate: “No Grafanil, celebrava missa no quartel e também numa capelinha junto a um Imbondeiro (...) assistia a comunidade civil (...) colaborava nas atividades desportivas do Batalhão. Além das palestras sobre os valores morais e espirituais, visitava uma vez por semana os militares do Batalhão internados no Hospital de Luanda (...) estas visitas eram muito importantes para a recuperação psicológica dos doentes e desenvolvia-se neles uma situação de maior aproximação da fé.”

No decorrer dos treze anos da Guerra Colonial não são, igualmente, de estranhar as oferendas a diversos santos com imagens de militares que se encontram nos vários santuários pelo país ou igrejas de devoção. Através de manuscritos a pedir pela intercessão dos seus santos de devoção para o retorno na maior brevidade e em segurança, pelos familiares e até pelos próprios militares.

Retomando um pouco da história, Portugal sendo um país com forte influência mariana, onde as aparições de Nossa Senhora de Fátima são marcadamente um ponto importante de carácter social e religioso, podemos constatar que um dos amuletos que as madrinhas de guerra e as mulheres de família davam aos militares eram medalhas de Nossa Senhora de Fátima no dia do embarque ou enviavam crucifixos para os mesmos, para que de certa forma fossem e se sentissem protegidos, para além das cartas que eram deixadas, a título de exemplo a Nossa Senhora de Fátima: “Numa carta datada de algures entre 1961 e 1964, uma mulher dirige-se à Senhora de Fátima: Acabai com a guerra no Mundo, especialmente na nossa Pátria...” (Marujo, 2020, p. 204).

O Santuário de Fátima tal como o Santuário de Nosso Senhor Jesus da Piedade em Elvas, a Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo e o Santuário de Nossa Senhora D’Aires possuem um importante espólio de manifestações de *ex-votos* que chegados com vida a Portugal, cumpriam a promessa do bom regresso.

Figura 1 – Santuário de Nossa Senhora D' Aires em Viana do Alentejo



Fonte: Raquel Cetra (2021)

Figura 2 – *Ex-votos* militares na Casa dos Milagres do Santuário de Nossa Senhora D’Aires



Fonte: Raquel Cetra (2021)

Figura 3 – Algumas oferendas de militares regressados da Guerra Colonial



Fonte: Raquel Cetra (2021)

Várias memórias de *ex-votos* e promessas cumpridas através da oferenda de fotografias pelo militar ou seus familiares ou até mesmo de objetos como uma pele de cobra ou outros diretamente ligados à vida militar como boinas ou outros elementos do traje militar como verificável nas Figuras 2 e 3 da Sala dos Milagres do Santuário de Nossa Senhora D'Aires. Estas manifestações asseguram o pagamento de promessas

pela capacidade salvífica de Nossa Senhora D’Aires, que já teria influências de guerras anteriores: “A impotência perante a doença, os perigos que teimavam em ameaçar a economia doméstica e o recrutamento dos mancebos para o serviço militar, popularmente conhecido por «sortes», motivaram os pedidos de ajuda e a oferta congratulatória a Nossa Senhora de Aires” (Seixas, 2013, p.106).

A figura de Nossa Senhora de Fátima é a mais invocada na troca de correspondência dos militares portugueses, seguindo-se a Nossa Senhora da Conceição, porém há muitos outros santos a quem os militares portugueses fazem promessas de forma a chegarem sãos e salvos: “devo um sermão e uma a nossa senhora de Fátima e a Santa Maria Madalena, mas só a mando dizer a quando tu cá estiveres.... também uma promessa a Fátima a pé ocha lá que tu venhas valente para ir na minha companhia” (Pontes, 2018, p. 151). Ou imagens que levam para a guerra: “São benzidas imagens que são levadas para a guerra sendo as cerimónias transmitidas pela televisão e seguidas por muitos portugueses” (Pontes, 2018, p.151). Porém, até mesmo na correspondência trocada o capelão é uma figura que é referida enquanto uma “ponte” fundamental para descansar as famílias e manter a moralidade dos combatentes, mesmo quando se encontravam no mato, com a regularidade que era possível: “nôz aqui tivémos missa ao ar livre no dia de natal, mas foi por ser natal só de 4 em quatro meses é que vêm aqui o capelão do Batalhão dar-nos missa” (Pontes, 2018, p. 153).

Atualmente, de acordo com os dados fornecidos pelo autor Ferreira (2009) os militares das Forças Nacionais Destacadas, que foram questionados acerca da existência do capelão e da importância da assistência religiosa indicam nas suas respostas que poderão considerar importante a inclusão dos capelães nas missões destas tipologias, mas também na sua vivência diária nos quartéis, demonstrando a constante importância na presença entre eles de um capelão.

Não obstante, a participação dos militares em situações de campanha ou equiparadas poderá resultar muitas vezes em problemas de diferentes ordens que não só o afetam a si, mas igualmente as suas famílias a um nível secundário que, a implementação de um sistema de crenças poderá ser benéfico no sentido de que atividades como a oração ou a meditação irão influenciar de uma forma positiva os níveis de tensão e ansiedade, permitindo uma diminuição dos mesmos, o que ajuda de uma forma preponderante a condição, mesmo de forma crónica, do Stress Pós-Traumático : “ a implementação de um sistema em que se acredita no divino ou em algo transcendente será positivo, pois

através da meditação e/ou oração, tende a diminuir a tensão e a ansiedade no Combatente” (Anunciação, 2010, p. 128).

Em suma, no caso dos militares é demonstrado que o seu nível de religiosidade tem impacto na sua resiliência e no coping como estratégia positiva: “Results showed that high levels of S/R had a positive protective Effect for symptoms associated with depression, whereas médium levels of spirituality buffered mental health concerns to varying degrees” (Sterner & Jackson-Cherry, 2015, p. 50).

Nota-se, então que os níveis de religiosidade possuem uma relação direta com a ansiedade e a depressão nos combatentes, pois no caso destes níveis serem inferiores ou médios retratarão uma ansiedade maior face a todos aqueles que têm níveis bastante superiores: “(...) positive religious coping practices were related to posttraumatic growth and decreased symptoms associated with posttraumatic stress” (Sterner & Jackson-Cherry, 2015, p. 51).

A figura do capelão destaca-se no teatro de guerra como sendo a via de comunicação com o mundo da fé e visivelmente de extrema importância para que a perceção do poder divino e/ou superior seja uma perceção benéfica e amigável para os militares, certificando-se que sendo parte integrante dos batalhões, vivenciavam com eles os momentos, conseguindo ainda assim oferecer-lhes conforto e auxílio para que eles pudessem e possam sentir o poder divino e/ou superior junto deles, oferecendo-lhes um certo significado à sua presença na missão.

Conclusões

É possível aferir-se que a espiritualidade e a vida militar possuem estreitas ligações que culminam com o capelão militar e a sua atividade.

O seu papel, apesar de vivermos num Estado laico, mostra que a sua missão vai muito para além da missão religiosa ou de simplesmente professar a fé junto dos militares, sobretudo em situações bélicas, como os exemplos da 1ª Guerra Mundial e da Guerra Colonial permitiram demonstrar. Em muitos dos momentos a sua companhia foi de significativa importância na moral e felicidade dos combatentes, sobretudo nas visitas que eram feitas nos hospitais ou até mesmo com a realização de missas enquanto os combatentes se encontravam no mato, como aconteceu no decorrer da Guerra Colonial.

Com o exemplo dado pelas Forças Nacionais Destacadas pode-se concluir que apesar de um papel menor, continua a ser uma missão intemporal, capaz de promover a resiliência e equilibrar o potencial de combate.

Espera-se que no futuro se possam aumentar os estudos acerca do impacto da capelania na organização castrense e igualmente fomentar novos campos de análise e novas abordagens e perspetivas acerca da importância do sistema de crenças e oração com uma aposta significativa na valorização do espólio importante deixado pelos militares e suas famílias no decorrer dos anos da Guerra Colonial, assegurando o seu tratamento e catalogação de forma a salvaguardar estes importantes testemunhos de vida num contexto histórico e marcante para Portugal.

Notas

Por decisão pessoal, a autora do texto escreve segundo o novo acordo ortográfico.

- 1 - Os *ex-votos* são objetos que se oferecem a Deus ou a santos, de forma a cumprir aquilo que foi prometido para alcançar a graça pedida pela sua intercessão.
- 2 – A guerra justa que viria a ser defendida por Santo Ambrósio e Santo Agostinho, preconizava num primeiro momento a defesa da cidade contra os bárbaros de forma a salvaguardar a fé cristã e mais, tarde já com Santo Agostinho seria baseado no princípio da caridade pois, serviria para defender a paz e proteger os violados e ameaçados pela guerra, permitindo-se assim, a contra violência e salvaguardando a ordem moral.

Referências

- Anunciação, C. (2010). *Coping e Stress Traumático em Combatentes*. Lisboa: Liga dos Combatentes.
- Aron, R. (2002). *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília
- Auroux, S., & Weil, Y. (1997). *Dicionário de Filosofia Temas e Autores*. Porto: Edições ASA.
- Bellotti, K. K. (2011). História das Religiões: conceitos e debates na Era Contemporânea. *História: Questões & Debates*, 55, pp. 13-42.
- Coelho, A. B. (2018). *Inquisição de Évora 1533-1668*. Alfragide: Editorial Caminho.

- Cortesão, J. (1919). *Memórias da Grande Guerra (1916-1919)*. Porto: Renascença Portuguesa.
- Costa, A. C. (2016). As Ordens Militares em combate nos finais da Idade Média: O caso da Guerra de Sucessão de Castela (1475-1479). *Revista Medievalista*, 19, pp. 1-32.
- Coutinho, J. P. (2012). Religião e outros conceitos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24, pp. 171-193.
- Ferreira, B. M. (2009). *O Papel da Religião nas Forças Armadas e o seu enquadramento num Estado Laico*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares
- Gomes, S. A. (2004). Leituras e Espiritualidade nas Ordens Militares no Portugal Medieval. *Actas do VI Encontro sobre Ordens Militares*, pp. 271 - 284.
- Gonçalves, L. P., & Rezola, M. I. (2019). Sob o signo da ditadura: Estado, Igrejas e religiosidade no espaço lusófono. Em L. P. Gonçalves, & M. I. Rezola, *Igrejas e Ditaduras no Mundo Lusófono* (pp. 15-26). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Guerra, J. A., & Vieira, J. A. (2011). *Aula Viva Literatura Portuguesa 10º ano*. Porto: Porto Editora.
- Hassner, R. E. (2016). Hypotheses on Religion in the Military. *International Studies Review*, 18, pp. 312-332.
- Jesus, D. S. (2014). *O Impacto da Capelania Militar no Moral das Forças*. Lisboa: Academia Militar.
- Marujo, A. (2020). *A Caixa de Correio de Nossa Senhora*. Lisboa: Temas e Debates- Círculo de Leitores.
- Melo, C. d., Sampaio, I. S., Souza, D. L., & Souza, D. L. (2015). Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15 (2), pp. 447-464.
- Ministério da Defesa Nacional. (2009). Decreto-Lei n.º 251/2009. *Diário da República*, 6786 - 6789.
- Monteiro, L. (2014). Ex-voto. Porto: ESMAE Politécnico do Porto Departamento de Artes da Imagem.
- Naiden, F. S. (2019). Soldier, Priest and God: A life of Alexander the Great. *Christian Century*, 11, pp. 41-42.
- Oliveira, W. C., & Coelho, L. D. (2014). Religião na sociedade: ópio do povo ou produtora de sentido? *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA*, 6, pp. 1-14.
- Ordinariato Castrense. (2021). *Nota Histórica*. Obtido de Ordinariato Castrense: <https://ordinariato.castrense.pt/nota-historica/>

- Pontes, M. J. (2018). *Sinais de Vida Cartas de Guerra, 1961-1974*. Lisboa: Universidade de Lisboa; ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa; Universidade Católica Portuguesa; Universidade de Évora.
- Presidência do Conselho. (1966). Decreto-Lei n.º 47 188. *Diário do Governo*, pp. 1463-1468.
- Ramos, R., Sousa, B. V., & Monteiro, N. G. (2010). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Saraiva, P. J. (2003). *Portugal, Estado Laico – Que Serviço de Assistência Religiosa para as Forças Armadas?* Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Seixas, R. (2013). *O Santuário de Nossa Senhora de Aires: arquitectura e devoção (1743-1792)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, A. D. (2015). *A Grande Guerra e a participação dos militares do RI 19 e do Alto Tâmega no conflito*. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae.
- Simões, A. F. (2017). *O Capelão Militar - Subsídio para a história da Igreja em Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Sterner, W. R., & Jackson-Cherry, L. R. (2015). The Influence of Spirituality and Religion on Coping for Combat-Deployed Military Personnel. *Counseling and Values*, 60(1), pp. 48-66.
- Verbo Jurídico. (2021). *Concordata entre Portugal e Santa Sé*. Obtido de verbojuridico.net: <https://www.verbojuridico.net/legisl/outros/concordata.html>